

Querida Fernanda, queridos filhos

O meu pai quis por várias vezes conversar comigo sobre coisas relacionadas com a sua morte. Como reacção normal de todos os filhos recusei-me sempre, de forma amável e compreensiva, a fazê-lo. Quando a morte interrompeu o seu caminhar percebi que talvez tivesse vivido ligeiramente angustiado por essa conversa nunca se ter realizado.

Com esta experiência passada não vou pretender falar com vocês sobre estes assuntos, mas tranquilizo-me deixando aqui a minha opinião sobre diversos assuntos.

Esta carta foi escrita numa ocasião em que não tenho nenhuma perspectiva de morrer. Estou de saúde e bem disposto. Também estou com plenas capacidades mentais. Estão, pois, reunidas todas as condições para esta conversa serena sobre um assunto tão natural como a vida. Provavelmente somos o único animal que pensa e teoriza sobre a morte. Fazemo-lo com o orgulho de sermos racionais e, no entanto, só lançamos sobre o nosso quotidiano uma angústia que não tinha razão para existir.

Começo por pedir-vos que não fiquem tristes. Não há nenhuma razão para isso. Tristeza haveria, e muita, se houvesse uma inversão na sequência da vida, se fosse eu a assistir à morte, ou à menor saúde, de algum de vocês. Tristeza haveria se fôssemos imortais. A invenção humana da "eternidade" só é perigosa em vida e não na ausência dela.

O meu percurso nunca estará feito até ao momento da morte. Em cada momento o desejo de ir mais longe constrói o meu presente. Mas quando ele acabar posso dizer com satisfação que não sobrevivi, vivi. Tive uma família maravilhosa, tenho dois filhos de que me orgulho, tenho netos que me encantam, tive o amor da Fernanda. Deixei as marcas da minha presença por muito ténues que fossem, na luta política, no debate de ideias, na formação de algumas gerações seguintes, nos textos que publiquei. Certamente que tive tristezas, mas quem as não tem? Aqui para nós que ninguém nos ouve só houve uma coisinha que gostava de ter feito, mas para a qual não tinha qualquer capacidade: escrever um romance que fosse um marco na arte de bem escrever.

Depois da morte não há futuro (nem presente, nem passado). Por isso não tenho pensado seriamente no que gostaria que acontecesse depois da morte, mas admito que também nessas coisas há que introduzir alguma poesia e não incomodar muito os que cá ficam. Por isso acho que a melhor solução é ser cremado e, se tiverem paciência para tal, deitar as cinzas ao mar - a bordo

de um barco, nem que seja a remos - ao som de uma música de Chopin. E, sobretudo, com um sorriso nos lábios, verdadeiro, sentido.

Quanto ao que deixo apenas peço que não se preocupem muito em pensar o que gostaria que vocês fizessem. O que vocês fizeram está bem feito. Estou a pensar nos livros, muitos deles domesticados com as minhas anotações, sem esquecer os milhares de textos electrónicos. Estou a pensar na colecção de selos, que gostaria de deixar toda organizada, classificada e avaliada, mas para o que dificilmente terei tempo, porque tenho outras prioridades. Façam dela o que achar por bem: é uma boa colecção. Procurem no computador os dados da sua organização e nos armários do escritório a dita cuja. O fundamental não é nada disso. O fundamental é o amor que vos continua a unir. O fundamental é o que publiquei ou escrevi e nunca cheguei a publicar. O meu único pedido tem exactamente a ver com os meus escritos. Gostava que o site onde tenho procurado disponibilizar tudo o que escrevi (em sentido lato, incluindo gravações sonoras e filmes) se mantivesse activo enquanto os sites tiverem existência. E se encontrarem nos discos e no computador textos e outros registos que ainda não estejam lá tivessem a amabilidade de os colocar, quiçá com alguma observação. Livros e artigos, conferências e comunicações. Publicados, transmitidos ou mantidos secretos. Completos ou inacabados. De infância, juventude ou idade madura. De intervenção política ou investigação científica. Tenham paciência para este último pedido.

Queridos, amem a vida, construam à vossa maneira o futuro e, se puderem, deem uma ajudinha a destruir os tiranos dos povos e do nosso país.

Muito, mesmo muito amor e ternura para vocês.